

Educação escolar quilombola nas lembranças das brincadeiras de amarelinha

Olindina Cirilo Nascimento Serafim¹, Maria Cecília Fantinato²

Resumo

O presente trabalho tem como finalidade estabelecer relações entre a brincadeira da amarelinha e o processo de construção da tese de doutorado da primeira autora. O artigo apresenta o cenário do jogo da amarelinha imbricado com a pesquisa da tese. As lembranças da pesquisadora teceram o presente trabalho com vieses étnico-raciais da educação. Apresentamos a metodologia com base nas memórias e nas lembranças.

Palavras-chave

Educação no quilombo. Memórias. Educação para as relações étnico-raciais. Saber/fazer. Aprendizagem.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: serafimnago@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, Brasil; com período sanduíche em The State University of New Jersey - New Brunswick, Estados Unidos; estágio pós-doutoral pela Universidade de Lisboa, Portugal; professora na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil; coordenadora do Grupo de Etnomatemática da Universidade Federal Fluminense (GETUFF). E-mail: mc_fantinato@id.uff.br.

Quilombola school education in the memories of Hopscotch

Olindina Cirilo Nascimento Serafim³, Maria Cecília Fantinato⁴

Abstract

The purpose of this work is to establish relationships between the game hopscotch and the process of constructing the first author's doctoral thesis. The article presents the scenario of the hopscotch game intertwined with the thesis research, where the researcher's memories wove the present work with an ethnic-racial bias in education. We present the methodology based on childhood memories and memories in the quilombo.

Keywords

Education in the quilombo. Memories. Education for ethnic-racial relations. Know/do. Learning.

³ PhD in Education from the Universidade Federal Fluminense, State of Rio de Janeiro, Brazil. E-mail: serafimnago@gmail.com.

⁴ PhD in Education from the University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; with a sandwich period at The State University of New Jersey - New Brunswick, United States; post-doctoral internship at the University of Lisbon, Portugal; professor at the Fluminense Federal University, State of Rio de Janeiro, Brazil; coordinator of the Ethnomathematics Group at the Fluminense Federal University (GETUFF). E-mail: mc_fantinato@id.uff.br.

Introdução

Este artigo tem como finalidade apresentar alguns resultados de uma pesquisa de doutorado, desenvolvida pela primeira autora e orientada pela segunda, que procurou estabelecer relações entre o jogo de amarelinha praticado na infância da primeira autora e o processo de vivência da pesquisa de doutorado. O trabalho de doutorado versou sobre a prática docente na educação escolar quilombola nos territórios do Espírito Santo, com foco nas narrativas de professoras quilombolas e nos impactos da pandemia no cotidiano escolar. Como referenciais teóricos, lançamos mão de estudos sobre a educação intercultural de Candau (2012), as relações étnico-raciais, a partir de Nunes (2006), assim como acerca da educação no contexto da pandemia da COVID-19, ao fazer alusão à Saviani e Galvão (2020) foram analisados estudos sobre a internet como metodologia de ensino na pandemia. Utilizamos Flick (2013) para compor a metodologia da pesquisa, entrevistamos professoras que atuavam em escolas quilombolas. Neste texto, para compor as narrativas da primeira autora com base no jogo de amarelinha praticado, utilizamos Bosi (1994) para o trabalho acerca da memória das nossas lembranças de infância e adolescência

A tese discutiu a educação escolar quilombola no contexto das lutas pelos direitos quilombolas no Brasil, tendo como campo duas comunidades quilombolas específicas, em duas escolas quilombolas no Estado do Espírito Santo. Nesse sentido, busquei retratar os dilemas de constituição dessa modalidade escolar, a educação escolar quilombola, evidenciando as narrativas de três professoras quilombolas, quatro professoras não quilombolas do sistema municipal, e duas professoras da rede estadual não quilombolas que atuavam com a educação escolar quilombola, lideranças quilombolas e técnicos da gestão nas escolas quilombolas e na secretaria municipal de educação dos municípios onde estão localizadas essas escolas. Buscou-se, nessa tentativa, evidenciar nas narrativas as falas das professoras relacionadas às práticas delas com os sujeitos dessas escolas, e no diálogo, destacando os desafios das professoras e as estratégias pedagógicas que elas construíram durante as aulas remotas e no retorno presencial, no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil. O contexto de pesquisa consistiu em duas unidades de ensino: uma delas situada no Norte do estado – EMEIEF “São Jorge”, localizada no quilombo “São Jorge”, município de São Mateus/ES –, e a outra no Sul – EMEIEF “Orci Batalha” no quilombo “Cacimbinha”, no município de Presidente Kennedy/ES. Com a pandemia, nossos objetivos foram reformulados, levando em consideração o período de fechamento das escolas. Realizamos a

pesquisa de forma online. Nesse sentido, nossos objetivos se concentraram em trazer para a análise o universo da prática docente no ensino remoto; quais desafios as docentes das escolas quilombolas no período de pandemia enfrentaram e quais práticas educativas foram realizadas.

Pressupostos teóricos

O interesse em aprofundar o tema da educação escolar quilombola, por meio das lembranças da primeira autora no jogo da amarelinha, se fortaleceu durante a escrita do doutorado. Em busca de respostas para algumas inquietações, entre as quais: o que explica o alto índice de meninas negras com os estudos incompletos? O fato de os negros do município não terem uma ocupação definida em relação ao trabalho implica na mobilidade social deles? Para dar respostas a tais inquietações, neste estudo, lançaremos mão das reflexões de Bosi (1994) para tratar das lembranças e da memória.

Segundo Bosi (1994), trazer a memória coletiva, individual, e as narrativas não carecem de uma confirmação factual, nem da necessidade de se confrontar pela existência de diferentes versões, isto porque o valor da memória coletiva está justamente nos fatos enfatizados. Essa é uma história rememorada e reelaborada de acordo com os fundamentos e valores da coletividade. Na elaboração deste trabalho, a memória coletiva ou individual representa apropriações individuais de uma história, entrelaçada na brincadeira de amarelinha. Na memória, “fica o que significa”, descrito por Bosi (1994).

O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado. [...] As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência (Bosi, 1994, p. 414).

No quilombo, a escola e as histórias de vida se entrelaçam com as histórias da comunidade, entrelaçadas com os conhecimentos articulados e o saber acumulado dos mais velhos (Serafim, 2022). Essas questões foram abordadas para as pesquisas acadêmicas da primeira autora, de modo a fomentar os currículos das escolas nos quilombos, perceber as metodologias, e podem contribuir para a manutenção e o fortalecimento da identidade do grupo étnico quilombola no Espírito Santo (Serafim, 2022). Nosso desafio tem sido insurgir

com discussões que possam fundamentar ações que viabilizem o uso do saber/fazer dessas comunidades nas práticas escolares, entendidos como parte do patrimônio cultural.

Os quilombolas não são analfabetos, definição pela negativa e referida aos alfabetizados, mas sim ágrafos. Alinhada a esses estudos e observando meus colegas em suas práticas diárias na escola em que trabalhei, bem como professores das escolas quilombolas, percebi como esses profissionais, estando nessas instituições, não conseguiam integrar a sua prática aos saberes vivenciados pelos alunos (Serafim, 2022, p. 29).

Durante toda a minha infância, a “rua” foi meu lugar de lazer, diversão e aprendizagem coletiva. Não havia prazer maior que ser liberada por minha mãe aos sábados e domingos para, com minhas irmãs e vizinhos, todas/os crianças e adolescentes, ir para a rua, em frente à nossa casa, brincar de diversos tipos de brincadeiras, que eram todas coletivas e de grupos (Serafim, 2022). A minha brincadeira preferida era a amarelinha, talvez porque me estimulava a aprender a ler e escrever, o que era meu maior desejo. Sonhava em saber ler e escrever como minhas irmãs – eu sou a caçula de minha casa –, somos em nove irmãs e três irmãos, dois deles falecidos.

De acordo com Cunha (2008), é possível afirmar que viver no quilombo é experimentar a liberdade, tendo em vista os valores e as tradições africanas preservadas e transmitidas aos mais jovens, valorização do coletivo, o acúmulo do saber/fazer dos mais velhos, escuta do outro e ações comunitárias de fortalecimento do grupo, ou seja, no quilombo há um conhecimento vigoroso e produtivo que necessita ser conhecido e promovido.

Metodologia

Este trabalho foi constituído pela revisão bibliográfica, análise documental e análise dos resultados obtidos na tese, que nos deram elementos para composição desse estudo. O percurso escolhido para se empreender um estudo acerca das comunidades tem como viés o reconhecimento, a valorização da identidade quilombola e suas relações com o território e a educação. A memória, a recriação de histórias narradas e recuperadas na bibliografia e em campo reportam-se às relações identitárias e também às relações com o território. Utilizamos os estudos de Bosi (1994) para trazer o contexto da memória, recorreremos à minha trajetória como criança, adolescente, jovem, mulher, professora e mãe negra, que tem, como pertencimento, as tradições quilombolas e quer deixar este

pertencimento aos filhos. Sem deixar de trazer para a cena momentos de lembranças que tangem o período vivido com a família da orientanda, momentos imbricados pela etnia e pertencimento quilombola dela. A memória é mais que a vivência armazenada de um indivíduo, ela forma parte de um contexto social. O que guardamos e o que excluimos depende de nossas experiências sociais e coletivas. Para este estudo, nos interessou a memória construída por grupos sociais, pois, por meio da (re)construção de fatos registrados na memória, se reconstrói uma visão do passado a partir do presente. Contudo, como veremos, essa (re)construção está impregnada de lembranças do passado, enviesadas por memórias de hoje. As memórias que apresento são lembranças da brincadeira de infância por meio do jogo da amarelinha com as crianças e adolescentes quilombolas.

Quadro 1 – Elaboração de conceitos a partir de exemplos retirados do *corpus* de estudo

Exemplo	Conceito primário
A escola e as histórias de vida se entrelaçam com as histórias da comunidade.	Os conhecimentos articulado e o saber acumulado.
Insurgir com discussões que possam fundamentar ações que viabilizem o uso do saber/fazer das comunidades quilombolas nas práticas escolares.	Contribuir para a manutenção e o fortalecimento da identidade do grupo étnico quilombola no Espírito Santo.
A memória coletiva, individual, e as narrativas não carecem de uma confirmação factual, nem da necessidade de se confrontar pela existência de diferentes versões.	O grupo é suporte da memória, quando nos identificamos com ele e transformamos em “nosso” o passado.

Fonte: as autoras (2022).

Resultados e Discussão

Amarelinha é um jogo desenhado no chão com qualquer material pontiagudo ou que tenha giz e sirva para desenhar/riscar o chão. Utilizávamos pedaços de carvão, ponta de madeiras, gesso, cal, pó de areia ou barro. A amarelinha tem um formato quadrado e contém sete partes que chamamos de casas, a última casa é nomeada como “céu”. O objeto de desejo dos jogadores é chegar ao “céu”, após passar por sete casas, o que significar ganhar o jogo. Quem ganha o jogo tem a prioridade de começar jogando, e mais que isso, chegar ao “céu” significa mais que ganhar o jogo, significa que o participante entendeu o jogo, já conhece os

numerais até dez, e as letras do alfabeto. Acreditamos que era isso que nos levava à rua todo final de semana para brincar, mostrar para as crianças mais velhas e os adolescentes que nós, os pequenos, estávamos aprendendo com eles. Além de amarelinha, brincávamos de pé na lata, cabra-cega, jaú e os diversos tipos de pique e corre-corre que criávamos e inventávamos para nossa diversão. Amarelinha é uma brincadeira divertida que, para mim, tinha o sentido de coletividade, tal como as atividades do quilombo. Com a amarelinha, aprendi a reconhecer os numerais destacados nas casas e as vogais e as letras do alfabeto, presentes na última casa da brincadeira, na palavra “céu”.

Ganhar o jogo significava chegar ao “céu” da amarelinha, para nós, crianças, aquele período era sinônimo de liberdade. Para os quilombolas, o céu pode ser a terra “prometida”, a finalização da abolição inacabada. Há também a nomenclatura Orum para aqueles que partiram sem conseguir realizar algum sonho, como minha mãe, por exemplo, que teve que partir para o Orum sem ver novamente a filha, minha irmã Margarida, sequestrada aos seis anos por um casal branco baiano. Ainda hoje, nós, os filhos de minha mãe, sonhamos no reencontro com nossa irmã para vê-la por nossa mãe. O céu/Orum sobre nossas cabeças nos guardando e abençoando os territórios. A brincadeira de crianças naquela vila, a amarelinha, era nossa diversão e aprendizado. Nós, os pequenos, quando ganhávamos o jogo das crianças maiores, às vezes rolava até um catupê (choro e birra por perder), momento em que entravam em ação as mães, que naquela época ficavam mais tempo em casa ou faziam serviços ali por perto, de olho na brincadeira das crianças e seus aprendizados.

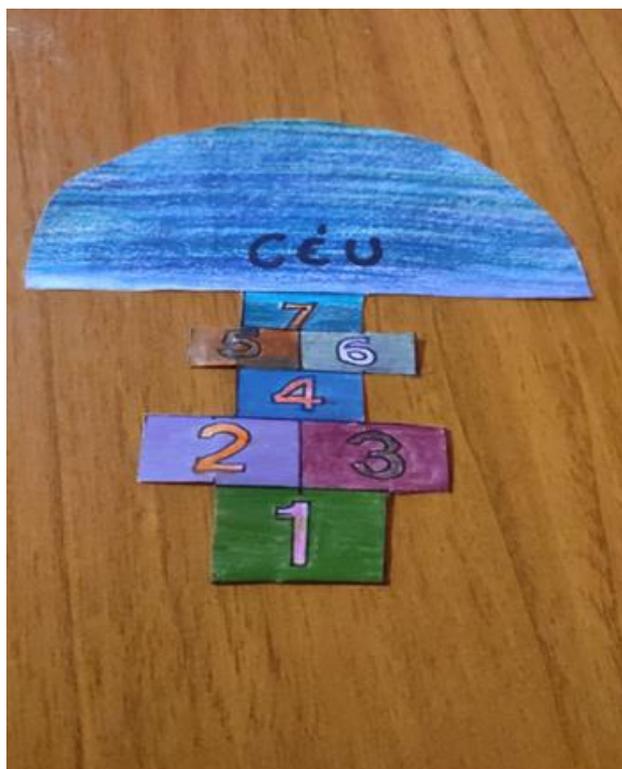
Segundo Macedo, Petty e Passos (2005), o trabalho com jogos, no que se refere ao aspecto cognitivo, visa a contribuir para que as crianças possam adquirir conhecimento e desenvolver suas habilidades e competências. Jogar é a oportunidade para a criança desenvolver habilidades cognitivas, lhe permite elaborar conceitos e relacioná-los às atividades do seu cotidiano.

A minha mãe trabalhava em casa como lavadeira, profissão de muitas mulheres negras em nossa cidade, o município de São Mateus, com maioria populacional de negros e negras, justificando estudos sobre a temática de educação antirracista.

Recorro, assim, à minha trajetória como criança, adolescente, jovem, mulher, professora e mãe negra, e tem como pertencimento as tradições quilombolas e a meus descendentes, sem deixar de trazer para a cena momentos de lembranças no que tange ao período vivido no curso superior e nas disciplinas do mestrado, em 2009, todos momentos imbricados pela minha etnia e meu pertencimento enquanto ser quilombola.

Na adolescência, participei de reuniões do Movimento de Lavadeiras e Empregadas Domésticas, do qual minha mãe fazia parte. Mais tarde, participei do grupo de jovens na Igreja Católica do bairro, São João Batista, lugar onde continuei em busca de respostas para algumas inquietações que a escola não conseguia responder.

Figura 1 – Desenho da amarelinha



Fonte: Arquivo das autoras (2024).

Considerações finais

Ações são essenciais para as escolas quilombolas e pensar uma educação qualificada e plural para os espaços étnicos quilombolas é uma delas. Neste trabalho, mapeamos a educação escolar quilombola estabelecendo relação com uma brincadeira de infância. O jogo da amarelinha no trabalho dá sentido ao modo de vida no quilombo e apresenta a necessidade de valorização da prática educativa docente aliada à visibilidade da educação escolar quilombola por meio das narrativas das professoras nas escolas quilombolas, ressaltando as lideranças quilombolas e a falta da implementação da política educacional. As escolas estão nos territórios, porém são poucos os professores quilombolas que atuam nelas e percebemos a existência de uma grande troca de professores nas escolas por parte dos municípios.

Almejamos que a educação escolar quilombola chegue ao “céu” da amarelinha, implementada em todos os territórios quilombolas. Nesse sentido, fazendo uma viagem pela memória da primeira autora, o presente trabalho pretendeu ser um instrumento de valorização da diversidade, da inclusão e da promoção da igualdade racial, da educação antirracista nas escolas quilombolas e também nas escolas que recebem estudantes quilombolas.

O caminho é longo para que as famílias quilombolas possam ser parte integrante de uma escola que exerça uma educação intercultural e descolonizadora, em que a organização escolar e curricular, assim como a atuação dos docentes, sejam o desejável. As pedras para acertar o “céu” da amarelinha estão sendo jogadas por todos nós que desejamos, nesse campo adverso, continuar construindo saberes, demarcando tradições, buscando organização, estabelecendo demandas políticas e sociais para reivindicação da efetiva educação escolar quilombola. Neste trabalho, compreendo que o uso do jogo da amarelinha, aliado ao ato de brincar, possibilitaram às crianças do meu tempo o processo de ensino aprendizagem com mais leveza, durante um período em que não era possível essa vivência para crianças negras.

Tal relação facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, dessa forma, uma relação que aproxima os jogos e brincadeiras ao desenvolvimento. O ser humano não é só um produto de seu contexto social, mas um agente ativo na criação desse contexto. Segundo Freitag (2012), os jogos e brincadeiras tem um papel muito importante na educação infantil e para a vida de uma criança, pois, ao brincar, a criança espontaneamente adquire uma aprendizagem mais prazerosa. É um momento de comunicação consigo mesma em que é trabalhada, por meio de sua realidade, a imaginação.

Os estudos realizados por Serafim (2011) no mestrado e no doutorado apontaram que o desprestígio sobre os temas de interesse da população negra prejudica a organização de atividades, projetos e ações que reconhecem e referendam estudos em escolas quilombolas. Há necessidade de trabalho docente, no sentido de cuidar dessa prática, para que os alunos possam ter, no futuro, a oportunidade de, em sala de aula, vivenciar as suas experiências e saberes locais. Consideramos que a primeira tensão entre o saber quilombola e a escola convencional é o fato de o saber quilombola ser um saber/fazer ágrafo e essa matriz não entrar na escola convencional que divide o mundo entre alfabetizados (letras/representações) e analfabetos. Todas essas questões me levaram a defender a prática docente em território quilombola, e considerar que, assim como a educação quilombola, a prática docente merece um olhar mais atencioso na questão escolar.

Referências

- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança dos Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_10.pdf. Acesso em: 30 set. 2024.
- CUNHA, H. J. **Educação e afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FREITAG, M. E. C. V. **O brincar na educação infantil**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- KAUFMANN, J. C. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- MACEDO, L.; PETTY, A. L. S; PASSOS, N. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005.
- SERAFIM, O. S. N.; FANTINATO, M. C. Prática docente quilombola e os impactos da pandemia na educação. **RELVA**, Juara, v. 8, n. 1, p. 78-100, jan./jun. 2021. DOI 10.30681/relva.v8i1.5524. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/5524>. Acesso em: 3 jun. 2024.
- SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, Brasília, n. 67, p. 36-49, 2021. Disponível em: <https://docentes.ifrn.edu.br/julianaschivani/disciplinas/midias-educacionais/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-201censino201d-remoto/view>
https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em: 19 jun. 2023.
- SERAFIM, O. C. N. **Prática docente na pandemia em territórios quilombolas do Espírito Santo**: aquilombar para aprender e ensinar. 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/27223>. Acesso em: 30 set. 2024.
- SERAFIM, O. N. **Educação escolar quilombola**: memória, vivência e saberes das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, Escola de São Jorge. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.